

Crítica Inércia



Cátia Terrinca:
é vê-la cativante
e comovente

ALPÍO PACHELA

ESPECTÁCULO DA SEMANA



Ribeira

Teatro. Qua-Sex

O arame entrelaçado, as arestas expostas como se fosse uma vedação farpada mais do que um colchão descarnado, esvaziado de todo o conforto, a bem dizer, destituído da sua função, é o símbolo desta relação, da vida deste casal de partida até alhures, mas por enquanto ali atolado. É um signo que nasce do texto, emana da sua substância, da sua inevitabilidade, da sua tragédia. E ganha forma na perda que os actores interpretam na plástica e belamente tensa encenação de Ricardo Boléo.

Há tempos, no final do ano passado, no Teatro Turim (esse laboratório experimentalista onde, felizmente, apesar da vida e do governo dela, se vive de acordo com o princípio científico de tentativa e erro até achar a luz), Ricardo Boléo fez-se ao mundo pessoano com a determinação de uma dramaturgia que, embora frágil, ainda assim abria um mundo de espectros, acedendo a uma existência própria de fantasmas oníricos através da voz e do corpo dramaticamente estático de Cátia Terrinca. Passado este tempo, *A Mais Terna Ilusão*, sua versão de *O Marinheiro*, regressa à memória: um coro de vozes encadeadas, uma litania, um poema lírico a um

passo entre o sonho e a vida, na sua delicadeza expondo a complexidade dos sentimentos, finalmente compreendendo-a como uma etapa, isto é, parte de um caminho que aqui e agora, nesta poça de luz e ressentimento, desemboca como uma revelação.

Inércia, para início de conversa, não é a inércia da primeira das leis de Newton. Esclarecido este aspecto, é verdade, não a contraria – mesmo quando infectada pela filosofia –, e, de certo modo, de maneira um pouco esquiva, o inédito (que a investigadora Luísa Monteiro decifrou e transcreveu de manuscritos achados no espólio) de Fernando Pessoa (1888-1935) até a confirma na sua abordagem poética e sentimental às regras da física. A interpretação emocional, exemplar, cativante, comovente de Cátia Terrinca, e a assessoria de José Leite, criam neste dramático um bailado minimalista de corpos e vozes, banhado pela luz profunda desenhada por Miguel Cruz, rasgando e acentuando a fisicalidade como um confronto de intenções, um conflito incapaz de romper com o conforto, quem sabe senão realmente com a preguiça, que é uma recusa dos sentidos perante o medo e o desconhecido, apenas através da imaginação – ou para aí transferindo o desejo, quer dizer, a energia da vontade. Rui Monteiro